

PALAVRAS, FAIXAS E CÂNTICOS NUMA MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL EM LISBOA

JEFFERSON VIRGÍLIO

*Bacharel em Antropologia e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil.
Pesquisador no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades na mesma universidade.*



RESUMO

ABSTRACT

O artigo realiza a descrição de uma manifestação estudantil que foi observada na cidade de Lisboa em 21 de março de 2013, objetivando análise posterior de objetos que são identificados como portadores de alguma agência perante atores sociais que interage. A descrição produzida demonstra inusitada percepção nas relações construídas entre as e os manifestantes. A abordagem sugere a possibilidade de revisão e reconstrução de concepções metodológicas durante a execução do trabalho de campo. É identificada pelo autor a ocorrência de dispositivos e mecanismos que permitem maior ou menor acesso de manifestantes ao meio público enquanto participantes da mobilização. Por fim, o autor tece uma reflexão sobre alguns dos eventos vivenciados e como tais situações podem ser analisadas ou comparadas a partir das concepções prévias de outras teóricas e outros teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Agência. Lisboa. Manifestações estudantis.

This article analyzes the description of a student protest observed in Lisbon on March 21, 2013. The approach aims at further analysis of objects that are identified as having some agency in the presence of social actors with whom they interact. The description produced shows unusual perception in relationships made between protesters. The approach also suggests the possibility of revision and reconstruction of methodological preconceptions during the execution of fieldwork. The author analyzes the occurrence of devices and mechanisms that allow greater or lesser access to student protesters to the public environment as participants of the mobilization. Finally, the author reflects on some of the events experienced and how such situations can be analyzed or compared from preconceptions of other theorists.

Keywords: Agency. Lisbon. Student protests.

El artículo analiza la descripción de una manifestación estudiantil que fue observada en la ciudad de Lisboa el 21 de marzo de 2013, con el objetivo de analizar más a fondo objetos que son identificados como personas de alguna agencia antes que actores sociales que interactúan. La descripción producida demuestra una percepción inusual en las relaciones construidas entre las y los manifestantes. El enfoque sugiere la posibilidad de revisión y reconstrucción de preconcepciones metodológicas durante la ejecución del trabajo de campo. Es identificada por el autor la ocurrencia de dispositivos y mecanismos que permiten un mayor o menor acceso de manifestaciones al medio público en cuanto a los participantes de la movilización. Por último, el autor hace unas reflexiones sobre algunos de los eventos vivenciados y cómo tales situaciones pueden ser analizadas o comparadas a partir de las concepciones previas de otras teóricas y otros teóricos.

Palabras clave: Agencia. Lisboa. Manifestaciones estudiantiles.

por direitos de pessoas portadoras de deficiência. Esses grupos demonstram interesse em participar nas manifestações, assim como deixam claro sobre a importância para as pessoas participantes de tais mobilizações.

As mobilizações ocorrem no formato de manifestações sociais, onde se interrompem atividades rotineiras, e dificultam ou impossibilitam terceiros de realizá-las. Este tipo de manifestação ocorre como resposta a solicitações não atendidas de melhorias nas condições de estudo, maiores ou específicos e direcionados direitos estudantis ou planos governamentais melhor estruturados e orientados às necessidades estudantis.

A manifestação estudiantil é, em Lisboa, um modo pelo qual os estudantes se relacionam e como eles dialogam com os agentes do governo, o modo como pedem mudanças e como se expressam. É sabido que o ato de representarem-se socialmente através de manifestações públicas, tais quais as greves, pode gerar alterações nos valores comuns de determinado grupo social ou esfera política, conforme já demonstrado por Cruces (1998), quando apresentou exemplo similar mexicano. Tassin (1995) também esclarece sobre a possibilidade de uso do espaço público, e da transformação que este permite do cidadão, para um ator social.

O objetivo deste ensaio é buscar descrever a respectiva mobilização social presenciada, tentando compreender o modo como os seus agentes podem se envolver e as relações a que estão submetidos pelos objetos que «são parte da manifestação». Em complemento, é brevemente realizada proposta sobre uma nova perspectiva para análise de alguns discursos imagéticos dos «objetos sociais»¹ que são identificados.

INTRODUÇÃO¹

¹ Esta pesquisa não seria possível sem o auxílio de algumas instituições e agentes: Sou grato a SPM/PR pela bolsa que recebi no projeto «Avaliação do Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero no Brasil», e grato ao CNPq por recursos ao projeto «Feminismo, ciências e educação: relações de poder e transmissão de conhecimento», onde eu realizei parte das pesquisas. Eu sou também grato a European Commission pela bolsa que recebi no projeto «Erasmus Fellow-Mundus» e à FAPESC por recursos ao projeto «Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina» onde realizei parte das pesquisas. Por fim, eu agradeço as pesquisadoras do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da Universidade Federal de Santa Catarina pelos aprendizados diários, e a todas as partes revisoras nos dois anos desde a primeira submissão deste material a Revista Trama pelos preciosos e pertinentes comentários e observações.

Entre 2011 e 2012 eu me candidatei, sendo aceito, para um programa de intercâmbio acadêmico. Eu me candidatei por considerar valiosa esta experiência para meu potencial futuro enquanto antropólogo. Quando eu desembarquei na cidade de destino, eu não imaginava que iria observar as mobilizações sociais tais quais as que eu observei. São grupos de estudantes que saem as ruas, solicitando alterações nos modelos de políticas estudantis pré-existentes. Os grupos referidos se ausentam das instituições acadêmicas, e uma vez anunciada à manifestação, outros grupos, que podem ser representantes de outras universidades ou terceiros, por vezes externos ao meio acadêmico, como grupos LGBT, grupos de trabalhadores de camadas mais «populares», ou organizações que lutam

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Apesar da multiplicidade de teorias para a análise de movimentos sociais existentes categorizadas por Goodwin e Jasper (2004), a orientação teórica é centrada pela análise das denominadas «ações coletivas» (Edelman, 2001; Fillieule, 1993; Touraine, 1985), pela percepção da necessidade da manifestação social, ser

¹Entender «objeto social», como aquele objeto que possui um ou mais «significados» para o coletivo. Tais significados podem não corresponder na totalidade para todos os manifestantes. É esperado, no entanto, algum nível de similaridade e/ou complementaridade entre tais significados (Geertz, 2003). A intenção não é remeter simplesmente a uma suposta continuação da proposta de Appadurai (2008), e sim outra perspectiva na análise de objetos que estão inseridos em contexto social. A sugestão se aproxima mais da proposta de Latour (2008).

por excelência um ato coletivo, dependente de alto nível organizacional, e preparo prévio. No entanto, por valorizar aspectos de utilização de recursos adicionais, procuro tecer algum diálogo com o artigo de Clifford (1997), notadamente quando remete ao antropólogo como «viajante».

O método como se obtém informações necessárias para realizar a análise remete a realização de etnografia entre os manifestantes, complementada com a gravação de vídeo e captura de imagens fotográficas. A referida saída de campo é orientada por propostas teóricas de autores mais contemporâneos (Clifford, 1997; Marcus, 1998; Silvano, 2011)¹, que prezam pelo discurso do deslocamento, que é proposto enquanto fundamental para a discussão de movimentos sociais que são representados por passeatas, como ocorre com as manifestações estudantis lisboetas.

Isto exposto, eu espero ser capaz de esclarecer porque a necessidade de «acompanhar» a manifestação, e não apenas «a observar passar». Assim como não poderia limitar a análise a uma ou mais entrevistas e conversas com os sujeitos de estudo sem de fato ter participado da manifestação.

Em uma hipótese onde eu não tivesse acompanhado a manifestação, teria me sido reduzido à percepção sobre alguns processos que são construídos durante a caminhada. E dificultaria a percepção sobre o uso de objetos como dispositivo de maior controle e alguma organização social nas mobilizações analisadas.

Após eu refletir e analisar a bibliografia previamente consultada, eu também percebi que a situação de «maior facilidade» de acesso ao discurso explícito, por parte dos interlocutores e partindo do ponto de vista do pesquisador², ocorre em cenários políticos, principalmente em situações de reivindicações de mudanças (Cruces, 1998; McAdam et al, 1996). E o facto, de eu ser estudante, identificado como militante nas ações sociais observadas, poderia facilitar ou dificultar a apresentação do discurso oral pelos sujeitos de estudo (Mascarenhas-Keyes, 1987; Strathern, 1987), sendo, portanto, válida a análise dos discursos que são explícitos em outros meios. Esta busca por outras formas de discurso acabou por provocar o meu encontro com os objetos sociais que descrevo mais a frente.

Convém ainda esclarecer que são variadas as autorias que incorporam noções de ritual enquanto processo político, como por exemplo os clássicos Max Gluckman, Clifford Geertz e Victor Turner. E de uma maneira mais geral, esses antropólogos buscavam enaltecer percepções das atividades sociais enquanto atos políticos. Em uma aproximação mínima da obra destes autores pode-se sugerir que se Max Gluckman (1963) faz uma primeira grande aproximação dos rituais enquanto atos políticos de mobilização social em sistemas de inversão de papéis, Victor Turner (1969) permite sugerir a análise de conflitos políticos enquanto grandes dramas sociais, usualmente em situações de oscilações entre estágios mais ordeiros ou «de mudança» da política e dos papéis, e Clifford Geertz sugere uma literal teatralização da vida política e dos papéis a ela intrínsecos e distribuídos entre os agentes participantes.

Por fim, é sabido que as noções sobre espaço em ciências sociais podem ser identificadas desde Émile Durkheim (1915), pelo menos, quando este a compara ao tempo enquanto «categorias para entender o social». E partindo deste é perceptível que em toda a escola sociológica francesa, em maior ou menor grau, estas percepções vão se afirmando e revelando, mantendo certa continuidade de discurso e perspectiva. Mesmo Lévi-Strauss, ainda que orientado a populações tradicionais, permite uma série de considerações a cerca do espaço em diversos momentos, como em várias passagens de *Tristes Trópicos* (1955). De um modo geral, a percepção sobre o espaço produzida na França mantinha uma certa continuidade no modo de percepção e apresentação do espaço, até, pelo menos autorias como Henri Lefebvre (1974) sugerirem o espaço (social) como marcador e dispositivo de produção social.

Fora do contexto francês há também discussões sobre o espaço desde pelo menos a década de 60. Autores como Edward Hall (1966) já problematizavam o espaço enquanto parte da formação e delimitação do comportamento humano. A proximidade de Hall permitiria, de certa forma, problematizar diferentes tipos de uso que o homem faz do espaço, como por exemplo os observados nas manifestações de rua estudantis em contexto de protesto ou reivindicação popular.

¹ Quando em comparação com autores clássicos do trabalho de campo, como Malinowski (1984) ou Evans-Pritchard (1976), por exemplo.

² Que, para esta situação específica, deve ser externo, ou recém-inserido, ao grupo analisado.

21 DE MARÇO

A minha participação nesta manifestação específica remete a parte da pesquisa que eu realizei em Lisboa, sendo de fato, uma das manifestações mais importantes para a tentativa de compreensão do conjunto de eventos. Em parte eu compreendo esta colocação pela aproximação e pelo contato posterior com os participantes estarem facilitados pela proveniência acadêmica ser idêntica à minha proveniência acadêmica. Reflexões além dos eventos aqui descritos, notadamente sobre o envolvimento entre pesquisador e contexto de pesquisa e as problemáticas de certos reacionários existentes na academia estão concentrados em outro material¹.

Na data de 21 de março ocorreu a manifestação estudantil que pleiteava mudanças sobre a cobrança de mensalidades e taxas escolares (propinas) e clamava por maior verba governamental à educação. Esta manifestação foi completamente organizada, e quase completamente formada, por estudantes de uma única universidade de ciências humanas e sociais. Devido ao fato de eu ter realizado o registro em vídeo da respectiva manifestação, assim como o registro fotográfico, recebi tempo extra para análise do material, e desenvolvimento de algumas reflexões acerca dos acontecimentos, com algum foco no uso do espaço público pelos manifestantes, e pela distribuição dos mesmos nestes espaços.

A manifestação observada apresentou um atraso superior a duas horas do início que foi planejado. Este atraso, segundo os organizadores, ocorreu pelo «aguardo de mais manifestantes», que após as ditas duas horas não chegaram. Os participantes da manifestação são em sua grande parte estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sendo complementado o grupo por estudantes das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Porto.

Estes manifestantes são jovens, entre os 18 e 25 anos, que em sua grande maioria, não apresentam grande distinção por gênero. Visualmente os estudantes estão identificados tanto pelas vestes acadêmicas, como pelos cartazes, que permitem identificar as universidades de origem, assim como as «reclamações» que dirigem ao governo. Segundo os relatos policiais, eram três ou quatro centenas de estudantes espalhados pelo grupo de manifestantes.

¹ Esta reflexões produziram uma monografia que posteriormente foi sintetizada em um artigo científico (Virgílio, 2015).

A interação dos manifestantes com o meio urbano ocorre pelo trânsito pedonal em um percurso que foi previamente definido. Este percurso no entanto foi alterado após uma intervenção e desvio policial. Por toda a extensão da manifestação era possível ouvir os gritos que solicitam revisões nos programas governamentais direcionados à educação de nível superior.

O local identificado para o início da manifestação é a Praça Marques de Pombal, portadora de grande significado histórico e político para os portugueses, nomeadamente para os estudantes, segundo Araújo (2000). A praça fica localizada bem no centro da zona urbana da cidade de Lisboa, sendo um dos pontos fortes de visita turística, assim como permanece com grande circulação de pedestres e veículos durante todo o horário comercial, durante praticamente todo o ano. Durante os quatro semestres que residi em Lisboa eu acompanhei significativa quantidade de manifestações e foi bastante comum a utilização da referida praça como «ponto de partida de manifestações» quando perpassavam discursos ou apelos ao contexto político.

O significado histórico da praça de Marques de Pombal remete ao grande terremoto que ocorreu em Portugal em 1755, onde é tido que o Marques teve na altura participação fundamental na reconstrução da região (Benjamin, 1999). A praça leva o nome do respectivo como forma de reconhecimento.

As manifestações sociais em Lisboa possuem um «trajeto» pré-definido, e esperado, onde se parte da Praça Marques de Pombal, onde na sequência atravessa a Avenida de Liberdade até chegar ao Rossio. Após chegar no Rossio, se dirige ao Cais do Sodré, para seguir até a assembleia. Esta manifestação em particular teve o seu trajeto bastante reduzido, interrompendo o percurso no início da Avenida da Liberdade, onde se partiu em direção ao Rato. Posteriormente se dirigiu à assembleia da república. A polícia limitou a continuidade do percurso pela Avenida da Liberdade, forçando os manifestantes a utilizar uma rota com menor tráfego de veículos e principalmente de pontos de interesse por grupos de turistas.

Na chegada à assembleia é visível a forte presença policial, porém o desinteresse dos manifestantes por este ponto específico também é perceptível². A manifestação foi tranquila, rápida e não se encerrou na «assembleia»³. Os manifestantes continuaram a caminhada em direção a casa do então ministro da educação, algumas centenas de metro de caminhada partindo da assembleia da república.

² Em oposição à utilização convencional desta representação política nas manifestações que partilhei.

³ A assembleia é para todos os efeitos, o «fim» de qualquer manifestação com orientação política em Lisboa. No entanto, «descobriu-se» que a casa do ministro da educação era «próxima» da assembleia, e como o discurso remetia a educação, os manifestantes, já durante a manifestação, decidiram por incluir este ponto como «fim» da passeata. Reforço que inicialmente o ponto «de fim» que eu identifiquei de «quem foi a ideia» ou de onde surgiu a informação.

Na chegada à casa do ministro da educação é facilmente identificável o desgosto dos policiais pelo «acréscimo» de rota que os estudantes provocaram, uma vez que não possuíam estrutura policial adequada para aquele local, que além de incomum uso em manifestações possui dimensões espaciais incompatíveis com o aparato policial deslocado para conter a manifestação. Os manifestantes permaneceram aos gritos e vaias em frente à casa do ministro, e provocaram alguns inconvenientes para moradores que ali residiam.⁴

Após cerca de 30-40 minutos de gritos e vaias em frente à residência que informaram ser do ministro da educação, e sem retorno de qualquer morador da referida, os manifestantes começam a se dispersar, quando eu também retorno, após confirmar a possibilidade de contato com alguns participantes mais ativos.

Após a manifestação, eu inicio uma busca por materiais externos sobre a referida, especificamente artigos de jornais e sites especializados, porém eu interrompo esta atividade depois de alguns dias de busca, quando identifico que apesar de válida tal empreitada, o meu tempo em Portugal era curto e poderia ser investido em diálogo direto com os interlocutores.

4 Era entre 17:30 e 18:00 de um dia de semana, muitos pais estavam saindo e chegando com os filhos da escola. Em adição, na «esquina» da rua, que é por si, bastante estreita, há dois colégios para crianças até os 7 anos.

OBJETOS SOCIAIS

Durante a minha observação realizada nas manifestações estudantis em Lisboa eu tive contato com um conjunto significativo de dispositivos de «reforço de identificação», que são utilizados pelos manifestantes, composto maioritariamente por faixas, cartazes, bandeiras, placas, autocolantes, recortes de papel (com as letras de cânticos), jornais e cravos.

Uma tentativa de análise «somente» dos discursos nos gritos e cânticos, assim como nos cartazes e nas construções de frases utilizadas seria suficiente para um pesquisador investir razoável tempo de investigação. O meu interesse em muito se distancia da análise semântica e das construções de significado presentes em tais práticas de expressão.

No entanto eu não posso ignorar a presença destes recursos, e como já apresentado, eles permitem acesso a informações dos participantes (desde a sua filiação acadêmica até as alterações que solicitam nas políticas a que estão sujeitos), sendo em parte, este o

meu interesse em citar tais construções observadas durante o evento.

A referida proposta convencional de análise semântica poderia tender a se concentrar no explícito ou implícito significado de frases, versos, palavras, números e nomes que são visíveis em tais objetos, assim como nas figuras, fotos e imagens que acabam por transportar. Esta situação tende a ser ainda mais tendenciosa para uma análise que possua como campo de pesquisa o cenário político-econômico (Cruces, 1998; Edelman, 2001; McAdam et al, 1996), e acaba por se agravar por estar presente em um movimento social de protesto (Fillieule, 1993).

Além desta perspectiva de análise semântica, ou mesmo da facilidade de obtenção de informações sem consentimento, eu proponho uma análise do uso «físico» de tais recursos como forma de organização da multidão manifestante. Tanto as faixas são utilizadas como «marcadores e limitadores» de posição, ou mesmo separador físico de «subgrupos» (que podem ser faculdades, associações, ou interesses específicos) como a própria distribuição das «letras de cânticos», em especial da «Grânola Vila Morena¹» pode ser analisada como um meio de estabelecer sincronia de discurso, ou mesmo «controle de multidões».

De certa forma, pode-se permitir algum diálogo com as noções de agencialidades propostas por autores como Alfred Gell (1998) que se distingue pela revisão da capacidade de autonomia dos objetos enquanto agentes sociais.

É de se destacar que é complexa a tentativa de manter centenas ou milhares de jovens a cantar uma melodia com estrofes que se repetem em uma ordem bastante irregular, e com palavras, que mesmo pelos manifestantes mais antigos e ativos, acabam por fomentar a confusão e troca de termos. O desafio proposto, de manter todos em sintonia e acordo temporal de respeito à canção, acaba sendo confinado a atenção visual incentivada ao reduzido recorte de papel, com menos de 30 cm², que apresenta toda a letra da música e garante que a letra seja respeitada sem alterações e que os manifestantes a cantem em coro, sem defasagens provocadas pela longa extensão da manifestação.

Ao mesmo tempo, é uma tarefa bastante ingrata tentar garantir que os manifestantes permaneçam em suas «zonas» espaciais, que, para todos os efeitos remete ao

¹Uma análise sobre o papel histórico da Grânola Vila Morena em muito superaria este material. Recomendo Estevão e Rezola (2007).

grupo ao qual está inserido e representa (professores, alunos de Lisboa, alunos do Porto, grupos LGBT, entidades vinculadas e imigrantes ou pessoas com deficiência, etc.). De certa forma, a distribuição das longas faixas garante que os manifestantes estejam contidos aos grupos com os quais chegaram, ou que de alguma forma são tidos como «integrantes» ou «relacionados». As tentativas de controle ao escape, assim como remediação a trocas de posições espaciais são frequentes e podem gerar situações bastante problemáticas, como destacado em outro material (Virgílio, 2015).

Desta forma, sugiro que a capacidade de agência dos objetos, nas manifestações estudantis pode tanto limitar a distribuição espacial dos manifestantes, assim como influenciar os respectivos à uma sincronia de discurso, em configuração quase uni sonora. Em diferentes níveis são evitadas fugas de discurso ou de movimentação, assim como controladas distrações externas.

Esta proposta pode permitir alargar significativamente as percepções prévias do estudo de ações coletivas (Edelman, 2001; Touraine, 1985) e mobilizações de protesto (Fillieule, 1993), que priorizam pela percepção de como são construídos e influenciados tais movimentos pelo «externo», ignorando as «construções» e influências que podem surgir internamente à estrutura, e que de fato, afetam, controlam e orientam a mobilização.

Em diferentes níveis também permite adicionar mais uma ou duas camadas de categorias às análises sobre o espaço, enquanto produtor e não apenas como resultado final da ação humana e social, assim como nas análises cruzadas deste com o político, ao considerar que objetos de limitada agência afetam, ou podem afetar, ações que possuem como base e orientação o ato político de reivindicação de mudanças.

Sugiro deste modo, que ao analisar manifestações em espaço público, seja efetivamente dada maior atenção à eventuais artefatos que os manifestantes acabam por portar, e que podem ser portadores de algum tipo de agência de ação sobre os manifestantes. O ato político de mudança não é independente dos limites impostos pelos materiais que com ele são produzidos.

Inicialmente considerei a hipótese de realizar diálogo com alguns teóricos que dissertam sobre a utilização de espaços coletivos² (Low, 2000; Tonnelat, 2010),

² Na falta de referências sobre «espaços coletivos», optei pelas referências sobre «espaços públicos».

controle social (Mead, 1925) e/ou sobre objetos com representação social identificada³ (Appadurai, 2008), porém as propostas dos mesmos se revelaram insuficientes para alguma concepção de objetos sociais neste sentido. Apesar de incluírem o discurso político, a menção ao passado, a sugestão de mudança ou identificação de insatisfação, não identifiquei traços de diálogo entre espaços coletivos, por estas abordagens com os atores sociais.

No entanto, os teóricos que discutem a agência (Bourdieu, 2004; Latour, 2008; Ortner, 2007a, 2007b & 2007c, e principalmente Gell, 1998) possibilitaram desenvolvimento pleno de minha proposta, com os quais procuro dialogar. Uma vez que os respectivos teóricos problematizam exatamente as relações que são construídas entre o ator social, com outros atores ou com o meio que estão inseridos ou em contato.

³ A representação de tais objetos, em minha percepção deveria ser múltipla, no entanto tais autores (além do texto introdutório de Appadurai, considere os vários papers da mesma publicação) se orientam pelo singular, provavelmente, por utilizarem um recorte de contexto, espaço, tempo e/ou perspectiva específicos, que dificultam a percepção das múltiplas representações de cada objeto.

AGÊNCIA DE OBJETOS EM MANIFESTAÇÕES SOCIAIS

A agência de objetos perante mobilizações sociais é perceptível nas manifestações sociais observadas em sociedades complexas. As relações entre os sujeitos, presentes em manifestações sociais, são orientadas, e suas ações limitadas, não apenas pelo conjunto de atores sociais, e/ou com os espaços públicos com os quais mantém relações, mas também com eventuais «objetos sociais» que mantém contato com os referidos sujeitos de estudo durante as respectivas mobilizações sociais.

Os objetos são capazes de facilitar (ou impedir) o acesso dos sujeitos aos inúmeros recortes geográficos existentes, identificam posições de comando ou marginalização, incluem (ou excluem) os participantes à manifestação, permitem homogeneizar (e tornar heterogênea) manifestantes e são aptos a definir o que, quem e quando falar.

Apesar de inanimados, os artefatos portados pelos manifestantes apresentam múltiplos e variados níveis e tipos de agência de ação. Seja de locomoção e posição, seja de discurso ou de identidade. Esta situação permite algum diálogo com as percepções de agencialidades de Alfred Gell e de Bruno Latour sobre agência não humana.

Durante a realização de meu trabalho de campo identifiquei que quando alguns objetos são inseridos numa manifestação social, e de fato são parte da referida, tais objetos apresentam a capacidade de diferenciar e definir os múltiplos atores sociais nas suas disputas por posição, status, identidade, acesso e/ou poder. Estas capacidades podem ser evidentes, pouco perceptíveis ou mesmo variáveis conforme a suposta natureza de cada objeto.

As faixas e bandeiras, por exemplo, além de entregar determinada informação para terceiros acaba por limitar o acesso dos manifestantes para além da mesma, e também impedir terceiros de «invadir» a área daquele grupo. As mesmas faixas e bandeiras, uma vez que estão dispostas atravessadas horizontalmente também possuem função de definir a ordem da caminhada, mesmo nas tentativas de quebra desta ordem, as faixas acabam por impossibilitar tais empreitadas. As situações de evite de fugas, assim como de evite de invasões são inúmeras e muito distintas entre si. Desde inocentes confusões pelo desconhecimento de funcionamento de uma manifestação de rua, até intencionais tentativas de camuflagem por participantes de veículos de imprensa ou de polícia.

As manifestações em Portugal possuem hierarquia entre os grupos manifestantes. Quanto maior a identificação «com a causa principal» mais a frente da manifestação o grupo deve ir. As faixas possuem papel central na organização, e principalmente na manutenção desta «ordem». Esta situação foi observada e confirmada em inúmeras manifestações e por diferentes interlocutores. No entanto, não é confirmada por quaisquer destes prévias intencionalidades de uso de faixas ou equivalentes para este fim.

Alguns objetos ainda demonstram a capacidade de serem utilizados como limitadores de espaços públicos ou mesmo como dispositivos de organização e controle social. Tais objetos podem problematizar a negociação que é observada entre os manifestantes quando estão dentro e fora da mobilização.

Tanto o público «observador» como o público «manifestante» acaba por ser, invariavelmente definido por estar «dentro» ou «fora» das áreas que são definidas pelo porte, contato ou respeito pela posição de tais objetos. Algumas frases de impacto, como o «sai do passeio, vem pro meio», reforçam a limitação do espaço físico como diferenciador, porém a efetiva separação é realizada na maior parte dos casos,

por estar «antes» ou «depois» das faixas e bandeiras características.

A análise sobre as relações existentes entre atores e objetos sociais¹ permite maior compreensão sobre as interações que possibilitam e propiciam a existência dos comportamentos dos sujeitos quando inseridos em uma manifestação social. Desta forma, se permite discutir sobre como os objetos (pela agência de poder) são capazes de orientar as ações dos manifestantes.

Ou seja, os sujeitos podem de fato crer que realizam as ações por sua vontade e interesse, mas de fato estão limitados por uma série de fatores que são provocados, e controlados, por objetos, que possuem tanto ou mais controle sobre quem é, quem faz ou como faz, do que os próprios sujeitos. Os objetos desta forma abandonam a posição passiva para receber status como participação ativa dentro das manifestações sociais. São capazes de literalmente limitar as ações dos atores humanos.

A simples posse de um pequeno recorte de papel de 30 cm² com trechos da Grândola Vila Morena quase que garante a incorporação do manifestante ao cântico, tanto por lhe fornecer acesso - correto - à referida letra, como por garantir sincronia e ritmo com os demais participantes.

É possível sugerir que alguns objetos específicos, como veículos ou amplificadores de voz possuem maior dependência do fator humano para efetivamente possuir agência sobre atores terceiros. No entanto, reforço que o que se questiona não é a independência dos objetos na posse de agência e sim, alertar sobre a agência que os mesmos possuem, quer seja sozinhos, quer seja em conjunto com outros objetos, com o meio físico, ou com outros sujeitos, perante outros sujeitos. Os atores que são afetados pelos objetos em geral são parte do corpo da manifestação. O contato com os objetos permite não apenas se caracterizar enquanto parte da mesma, entrando no ritual, e estando limitado ao espaço da mesma, como respeitar a sua prática, sendo o exemplo de cântico da complexa letra, ritmo e sincronia da «Grândola Vila Morena» o exemplo máximo de respeito as imposições de um artefato material.

¹ Objetos que são vistos como as agências de poder e projetos existentes dos manifestantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se possível, portanto, afirmar que se abre a oportunidade para o desenvolvimento de novos e ampliados pareceres sobre temáticas já discutidas, no caso em questão a teoria da prática e da agência. E se identificaram novos formatos, novas frequências e novas intensidades da presença da agência sobre atores sociais em sociedades complexas.

A agência não precisa ser constante. A agência dos objetos sobre os manifestantes atinge um ápice durante a manifestação, mas após o término da respectiva, a agência do objeto volta a ser nula.

A experiência desta «análise forçada» dos objetos de estudo, que admito, não eram o foco de minha pesquisa, foi de fato produtiva, mas não está nem mesmo próximo de finalizada. Considero a hipótese de tratar em uma futura discussão acerca do mesmo tema uma tentativa de diálogo com teóricos do poder, possivelmente Michel Foucault e provavelmente Eric Wolf. Desta forma, eventuais propostas de terceiros que possuam referencial teórico dos respectivos autores, são incentivadas e esperadas. Não é também descartada maior discussão junto a antropologia do espaço ou da antropologia da política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Appadurai, Arjun (2008). «Introdução: Mercadorias e a política de valor». Em: Appadurai, Arjun (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. (pp. 15-88). Niterói: Editora da UFF.

Araújo, Ana Cristina (ed.) (2000). *O Marques de Pombal e a universidade*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra.

Benjamin, Walter (1999). «The Lisbon earthquake». In: Benjamin, Walter. *Selected writings*. Vol. 2 Part 2: 1931-1934. Cambridge, Mass. & London: Belknap.

Bourdieu, Pierre (2004). «Esboço de uma teoria da prática». Em: Ortiz, Renato (org). *A*

sociologia de Pierre Bourdieu. (pp. 39-72). São Paulo: Editora Olho D'água.

Clifford, James (1997). «Spatial practices: fieldwork, travel, and the disciplining of anthropology». In: Clifford,

James. *Routes: travel and translation in the late 20th century*. (pp. 52-91). Boston: Harvard University Press.

Cruces, Francisco (1998). *Las transformaciones de lo público: imágenes de protesta en la ciudad de México*. *Perfiles Latinoamericanos*. 7 (12), 227-256.

Durkheim, Emile (1915). *The Elementary Forms of the Religious Life: A Study in Religious Sociology*. Sage.

Edelman, Marc (2001). «Social movements: changing paradigms and forms of politics». In: *Annual Review of Anthropology*. 30. 285-317.

Estevão, Nuno & Rezola, Maria Inácia (2007). 25 de abril, mitos de uma revolução. Lisboa: A esfera dos livros.

Evans-Pritchard, Edward Evans (1976). «Some reminiscences and reflections on fieldwork». In: *Witchcraft, oracles and magic among the Azande*. (pp. 240-254). Oxford: Oxford University Press.

Fillieule, Olivier (1993). *Sociologie de la protestation: les formes de l'action collective dans la France contemporaine*. Paris: L'Harmattan.

Geertz, Clifford (2003). «Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura». Em: Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. (pp. 3-24). São Paulo: LTC.

Geertz, Clifford (1980). *Negara: The theatre state in nineteenth-century Bali*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Gell, Alfred (1998). «The theory of the art nexus». *Art and agency: An anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press. (pp. 12-27).

Gluckman, Max (1963). *Order and rebellion in Tribal Africa*. Cohen & West, London.

Goodwin, Jeff and Jasper, James M. (eds.) (2004). *Rethinking social movements: structure, meaning, and emotion*. Lanham: Rowman and Littlefield.

Hall, Edward Twitchell (1966). *The hidden dimension*. New York: Doubleday.

Latour, Bruno (2008). *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manandal.

Lefebvre, Henri (1974). *La production de l'espace*, Paris: Anthropos.

Lévi-Strauss, Claude (1955). *Tristes tropiques*. Paris: Plon.

- Low, Setha (2000). *On the plaza: the politics of public space and culture*. Austin: University of Texas Press.
- Malinowski, Bronislaw (1984). *Argonauts of the Western Pacific: an account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of melanesian New Guinea*. London: Routledge & Waveland Press.
- Marcus, George (1998). «Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography?». In: *Ethnography through thick and thin*. New Jersey: Princeton University Press.
- Mascarenhas-Keyes, Stella (1987). «The native anthropologist: constraints and strategies in research». In: Jackson, Anthony. *Anthropology at home*. (pp. 180-193). London: Tavistock.
- McAdam, Doug; McCarthy, John D.; Zald, Mayer N. (eds) (1996). *Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mead, George Herbert (1925). «The genesis of the self and social control». *International journal of ethics*. 35 (3) 251-277.
- Ortner, Sherry (2007a). «Poder e projetos: reflexões sobre a agência». in: Grossi, Miriam; Eckert, Cornelia; Fry, Peter. (Orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. (pp. 45-80). Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra.
- Ortner, Sherry (2007b). *Subjetividade e crítica cultural*. *Horizontes antropológicos*. 13 (28) 375-405.
- Ortner, Sherry (2007c). «Uma atualização da teoria da prática». Em: Grossi, Miriam; Eckert, Cornelia; Fry, Peter. (Orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. (pp. 18-44). Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra.
- Silvano, Filomena (2011). *De casa em casa: sobre um encontro entre etnografia e cinema*. Lisboa: Palavrão.
- Strathern, Marilyn (1987). «The limits of auto-anthropology». In: Jackson, Anthony. *Anthropology at home*. (pp. 16-37). London: Tavistock.
- Tassin, Étienne (1995). «La visibilité de l'action politique». In: Joseph, Isaac. (ed.). *Prendre place. Espace public et culture dramatique*. (pp. 79-92). Paris: Éditions Recherches.
- Tonnellat, Stéphane (2010). «The sociology of urban public spaces». In: Guofang, Zhai, Hongyang, Wang et Michel, Savy (eds.). *Territorial evolution and planning solution: experiences from China and France*. (pp. 49-63). Paris: Atlantis Press.
- Touraine, Alain (1985). «An introduction to the study of social movements». *Social research*. 52 (40) 749-787.
- Turner, Victor (1969). *The ritual process: Structure and anti-structure*. Chicago: Aldine Pub.
- Virgílio, Jefferson (2015). «Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? Pesquisa e militância na antropologia contemporânea». *Revista Antropologías del Sur*. V. 3. (pp 69-85)